

Cristovam atrai setores opostos

Há no Distrito Federal duas correntes distintas de eleitores que vêm se manifestando desde o pleito, em 1986. É evidente que, escudado em poderosos aparatos sindicais dentro da máquina administrativa, o PT tem uma parcela próxima a um terço de fiéis votantes. Tem sido este o seu desempenho, mesmo quando recorre a candidatos sem densidade, como Saraiva e Saraiva, em 90. Com Cristovam (que já transitou pelo PMDB e PDT), o PT armou-se de um nome que, camaleonicamente, assume cores distintas de acordo com o ambiente.

Para os setores mais engajados e radicais do partido, Cristovam é o homem capaz de bater duro em Joaquim Roriz e Valmir Campelo. Para parte da burguesia do Plano Piloto, ressentida com a legião de miseráveis trazidos ao DF pela políti-

ca de assentamentos, o ex-reitor da UnB é, paradoxalmente, aquele governante que irá dar um basta à distribuição de lotes — e, conseqüentemente, devolver parte da qualidade de vida que já se desfrutou nas áreas nobres da cidade.

Valmir Campelo, ao contrário, não oferece aos eleitores da outra corrente majoritária (que decididamente não vota nem comunga com a prática política do PT) a opção vigorosa que Roriz representou em 1990. Alguém que, pela variedade de propostas e pela liderança e carisma, possa enfrentar o avanço petista sobre a chamada “terceira via” do eleito-rado. Cristalizada, a princípio, na candidatura de Maria de Lourdes Abadia mas, como parece indicar a boca de urna, reduzida a pó pelo chamado “voto útil”.